

goto or not goto: That is the question (Parte I)

Mário Leite

“Ainda bem que a comunidade dos programadores, contra a vontade dos politicamente corretos, criou esse monstro chamado goto”

(Parodiando um velho, muito velho, político brasileiro...)

Primeiramente, quero de deixar bem claro que estou ciente das críticas que terei de absorver, tocando num assunto muito evitado, e até proibido nas rodas dos programadores “modernos” (as aspas são intencionais). O assunto é semelhante ao que acontecia antigamente no Brasil, na primeira metade do século XX, com a “Tuberculose”; palavra proibida nas conversas em família, pois, não se admitia, em hipótese alguma, que alguém a pronunciasse abertamente. Tinha que ser substituída por algum termo mais suave, como: “aquela doença” ou, em relação ao paciente: “fulano está fraco do pulmão”, mas nunca dizer “fulano está com tuberculose”! Era como se a Tuberculose não existisse, mesmo ceifando vidas queridas, na época. Assim, o paciente com essa patologia morria mais por abandono e indiferença das pessoas, do que devido à própria doença, pois, naquela época quem ficava em quarentena eram os infectados; não os saudáveis. As visitas nem chegavam perto do seu leito; o cotado tinha que tentar as conversas de longe, colocando a mão em concha na orelha; e foi daí que surgiu a expressão para adjetivar as pessoas que têm boa audição: “ouvido de tuberculoso”. Hoje, graças a Deus isto não acontece, pois, a doença é 100% curável; basta seguir o tratamento, à risca...

O mesmo acontece com o comando **goto**, que sempre foi um tabu para os programadores; os mais “modernos” (da “Era dos IDEs gráficos”) talvez nem saibam que ele existe; são programadores que se formaram em plena “Era das Janelas”. Eu também me incluo neste contexto, pois trabalhei (e ainda trabalho) com formulários nas interfaces gráficas, usufruindo das benesses da “Programação Orientada a Eventos”, principalmente nos sistemas que exijam CRUD; uma maravilha!

Mas, e o comando **goto**!? Por que essa birra com esta inocente palavrinha?! Eu, sinceramente, não entendo! O argumento dos professores e instrutores “modernos” nos cursos de codificação em alguma linguagem, dizem que ele desestrutura o código. SIM, eu concordo; é a pura verdade: ele desestrutura o código EM ALGUMAS SITUAÇÕES (bem dito!). E isto fatalmente acontecerá se o programador abusar do seu uso; em especial nos *loops* aninhados. Mesmo assim, cabe a pergunta: “*Por que o C#, uma excelente linguagem, ainda o permite na sua sintaxe, assim como muitas outras?*” E uma outra pergunta bem inocente, mas que é uma bala de prata nos críticos mais radicais: *qual é a diferença entre o “condenado” goto e o “inocente” break para terminar um case na estrutura switch?*! Não seria mais lógico se existisse um **endcase** para sinalizar o fim de uma alternativa **case**?!

Eu nunca vi ninguém falar mal do **C**, do **C#**, do **Pascal**, ou mesmo do “queridinho” **Python**, por esta quase violência cometida pelo comando **break** (freio), para interromper o fluxo de um programa! Mas, com o **goto** é uma avalanche de críticas preconceituosas, e sem deixar que o programador decida por ele mesmo!

Continua na Parte II